

## **Clínica, com quê? : O preparo para o trabalho com a coisa mental: perícia, técnica e arte (28/08/2014)**

A resistência é sempre do analista.

Nossos usuários são usuários dos nossos serviços porque eles são reconhecidos como pessoas portadoras de transtornos mentais, malucas, loucas, pessoas com doença mental, que tem diagnóstico de doença mental. Mas os nossos usuários, assim como nós mesmos, sempre estão no melhor que eles podem. Essa é uma ideia importante

[01:38](#) Do ponto de vista psíquico, ninguém economiza o melhor de hoje para gastar amanhã. O que nós entregamos, do ponto de vista psíquico, é o melhor que vocês podem fazer. Estou querendo dizer, não tem um “melhor outra coisa” que a gente fica escondendo, preservando, guardando quando as pessoas vem nos visitar na nossa casa: tem os copos mais elegantes, um jogo de talheres que a gente tira para servir. Como a gente procede, às vezes guardamos o melhor e depois, em certas circunstancias que a gente acha que merece oferecer esse melhor, a gente serve o melhor. Então às vezes a gente pode pensar que os sujeitos psíquicos são assim também, que se apresentam nas situações mas eles tem uma reserva que eles estão guardando, que não seja essa aqui agora, eles vão nos apresentar essa outra face mais legal, mais interessante.

[03:42](#) Isso é uma metáfora para dizer que, psiquicamente, todos operamos no limite, todos estamos sempre funcionando no limite. Aquela ideia, “não é no limite de um ataque de nervos”; o ataque de nervos é porque o “no limite” foi forçado, e quando se força esse limite, se produz uma confusão.

[04:29](#) Mas sobre esse ponto de vista, a confusão é também o melhor que o sujeito pode produzir psiquicamente, se ele pudesse não entrar em desorganização, se nós pudéssemos escolher, optar entre nos desorganizarmos ou não, certamente nós optaríamos por não nos desorganizarmos. Estou falando numa discussão, numa relação tensa, de repente alguma coisa atravessa e você “roda a baiana”, cria uma confusão, uma cena, depois fica envergonhado, porque “nossa, que vexame”. Mas o momento psíquico, nós precisamos pensar, é sempre o melhor que sujeito pode; é porque ele não teve outro melhor, outra alternativa, do ponto de vista psíquico.

[06:12](#) Então se a gente juntar essas duas ideias: resistência é sempre do analista, portanto, nessa relação, quem pode e quem deveria estar expandido em seu limite (vou chamar de “natural”), nesse limite “natural” é o cuidador, terapeuta, analista, é o profissional, é o trabalhador de saúde mental. E por que ele deveria? (preciso que a gente faça essa distinção). Porque quem busca atendimento não é igual a quem atende. Ainda que no plano meramente mundano nós possamos dizer “não tem diferença nenhuma, são dois sujeitos psíquicos: um sujeito psíquico atende e o outro sujeito psíquico está demandando atendimento”; portanto estão ambos operando no melhor que podem; então ambos têm o mesmo direito de se expressar no melhor que tem. Nós estaríamos criando uma igualdade de condições que falsificaria socialmente essas posições porque, ainda que ambos sejam sujeitos psíquicos, se fosse numa clínica liberal é mais fácil “um paga e outro recebe; um ganha dinheiro para função e o outro paga” e não são iguais. E eu estou dizendo que do ponto de vista social essa marca é importante, a gente dizer que não são iguais porque um recebe para fazer aquilo e o outro, no nosso caso estamos falando do serviço público, o outro tem direito a receber aquilo, aquela oferta de cuidado, de atenção de atendimento.

[09:40](#) Então é fictícia essa igualdade entre os sujeitos. Não só porque um é profissional, um recebe para isso, e o outro tem direito de receber um tratamento, porque é um cidadão, é a moeda da cidadania. Se a gente ficar nesse plano não estaríamos avançando muito.

[10:22](#) O importante é que um sujeito supostamente se preparou para isso, para atender pessoas. Isso que justifica que ele ganhe dinheiro, que ele se empregue como alguém que atenda pessoas, ele fez um curso superior que lhe dá credenciais jurídicas e pode se apresentar como um agente da clínica em saúde mental, no caso da equipe multidisciplinar, no caso da clínica ampliada. Ele teve um preparo. Então a questão que nós temos que perceber é que o fazer clínico supõe um preparo, o fazer clínico supõe uma perícia, ou seja, estou dizendo que o agente da clínica é um perito e um perito tem como recurso a técnica, uma tecnologia. Alguns dizem que na clínica mental essa tecnologia também é uma arte e isso dá um ponto para que no futuro a gente possa pensar esse cruzamento da técnica e da arte no fazer da saúde mental. Mas, de alguma maneira, nós teremos que pensar que nós precisamos nos cobrar no campo dessa competência técnica, que supõe uma

teoria, porque a técnica é uma resultante da teoria; eu posso falar que técnica é teoria condensada.

[13:09](#) Técnica é uma teoria condensada, é uma teoria em operação, que é o que regula os movimentos técnicos. Então esse tema de que a clínica envolve uma dimensão perita e a dimensão perita envolve uma dimensão técnica, e essa dimensão perita pode ser obtida através de uma assimilação desse tipo de recurso. Por isso que, supostamente, um profissional de saúde mental é alguém que deve ter mais recursos do que as pessoas que ele atende. Mais recursos tecnológicos com incidência para fora, os manejos, as formas, o como dizer, o que dizer a cada momento, mas, também, nós devemos supor que o que faz um agente da clínica perito é também alguma coisa da ordem do desenvolvimento pessoal.

[14:49](#) Ele deve ter sido capaz de alargar subjetivamente os seus recursos. Como é que a gente faz alargamento de recursos subjetivos? A gente faz assimilando a teoria, a gente faz obviamente experimentando as tecnologias, mas a gente faz fundamentalmente trazendo esse trabalho para uma conversa numa roda como essa: numa roda de discussão de casos, numa roda de supervisão, numa roda de reunião de equipe. Estes momentos devem ser formativos e essa formação deve ser uma formação para dentro e uma formação para fora; para fora é modo de dizer, quando envolve aspectos de exterioridade, a teoria é exterior, a tecnologia é exterior.

[16:15](#) Mas envolve movimentos para dentro, o que eu chamo para dentro não tem dentro e fora, mas envolve movimentos de desenvolvimento da subjetividade, de ter desenvolvido certas competências psicológicas para sua formação, ser capaz de manejar competências subjetivas que preparam para certas circunstâncias. O desenvolvimento dessas competências subjetivas que nos preparam.

Então em primeiro lugar: é isso mesmo, discutir casos e dificuldades; segundo: isso faz muito bem para o processo de trabalho, discutir casos; terceiro: a perspectiva da discussão dos casos é sempre mais frutífera quando além de tentar entender o que acontece com o sujeito, nós voltamos também a reflexão sobre o que é que está me impedindo, me atrapalhando, limitando a minha capacidade de atender esse caso.

[18:04](#) Então um caso quando apresenta uma dificuldade, ele é uma oportunidade nessas duas direções, para revisar materiais, matérias, assuntos, temas que eu não tenho revisado, que eu não alcancei, que eu não conheço, ampliando meu espectro

de conhecimento teórico, mas também da gente fazer uma revisão sobre os nossos pontos cegos, aquilo que em nós nos limita na percepção, na construção de uma percepção mais clara sobre as necessidades do sujeito que nos procura.

[18:58](#) Digamos que nosso “especialismo”, nossa especialidade é em ser capaz de interpretar bem as necessidades daqueles que nos procuram e prover não diretamente, não oferecendo o que pede, mas prover encaminhamento para essa situação. Dito isso, nós vamos escutar um caso que a Lorena vai trazer para gente refletir sabendo que isso pode implicar .

(19:54 comentários)

[21:18](#) Eu acho muito piegas esse negócio de aceitação, um humanismo piegas, porque quando eu aceito que se eu passar no sinal vermelho eu vou provocar um acidente, eu não estou sendo exatamente um poço de virtude, eu estou fazendo um gesto de aceitação que se eu não fizer, sou um idiota. Então eu não posso imaginar que eu tenha que converter um valor humanístico, onde fica parecendo que eu ofereço algo excepcional porque sou terapeuta, eu aceito, aceitação vira um recurso excepcional. Nós temos pensar que, na verdade, se eu não aceito o problema é meu como terapeuta, é impossível progredir, é impossível fazer qualquer coisa que tenha serventia se eu não deduzo que os sujeitos sempre se apresentam com o melhor que tem e é com isso que eu trabalho, e o sujeito só me procura porque o melhor que ele tem é confuso, está causando dor. Então não existe uma coisa melhor, o melhor que ele é capaz de ser; não é o melhor de ter, ter cai naquela coisa que eu critiquei antes, o melhor que ele é capaz de ser, e nós estamos sempre sendo o melhor que podemos ser.

[23:45](#) Nesse tema da ontologia, é muito radical essa perspectiva de que nós só somos o que podemos, nós não somos o que não podemos, sempre só somos o que podemos.

(24:10 comentários)

[25:01](#) Para o aprendiz de feiticeiro, eu tenho que demonstrar que ele, o seu instrutor e o seu cliente, estão todos psicologicamente no mesmo barco. Não existe barco diferente nessa matéria. Então, se aprofundar o conhecimento sobre os processos psíquicos que presidem funcionamentos dos sujeitos, se a gente toma

isso com inexorável, sujeitos psíquicos, precisamos tirar todas as consequências dessa locução sujeitos psíquicos.

[26:08](#) O que compreendemos quando dizemos “somos todos sujeitos psíquicos?” Significa que essa dimensão psíquica é o que nos torna parte de uma grande confraria. Agora, eu posso dentro da porção que me individualiza, ao fazer uma escolha e ser um cuidador de outros serviços psíquicos, primeiro eu tenho que saber que a regra do funcionamento psíquico é a mesma para todos. Isso significa que todos podem se desorganizar.

[27:14](#) A desorganização psíquica não é uma eventualidade anômala que acontece de repente porque o vento do polo norte mudou de lugar; o funcionamento psíquico “coloque pressão que uma hora explode”. Qual o grau de pressão que vai fazer explodir? Só isso que muda.

Aquela parábola bíblica de Jó, que a gente chama de “paciência de Jó”, é porque nós, a humanidade, quando somos... por que aqueles eventos que são descritos como eventos que atingindo a Jó, são eventos que produzem o que? Por que as pessoas se desorganizam? Porque elas são interpeladas ontologicamente.

[28:59](#) O limite do que a ontologia suporta. Assim, todos que estamos aqui, sustentamos a nossa ontologia em certas condições sociais, comunitárias, afetivas, econômicas. Mas se de repente as perdas se impõe ou são impostas, uma por uma? É bem possível, isso a gente vê em situações de emergências e desastres, há sujeitos que constroem quadros depressivos severos.

[30:34](#) O que é um quadro depressivo severo senão aquele que revela uma falência ontológica, que algo não foi capaz de ser investido. Então, de alguma maneira vamos voltar ao nosso tema, mas acho que precisamos talvez construir hipóteses sobre terapeutas e clientes que possam permitir a gente perceber a comunidade psíquica e podermos ressaltar o que é que diferencia um terapeuta e um cliente do ponto de vista psíquico. É que um está impactado pelas interpelações que a vida lhe faz; o outro se preparou para lidar com sujeitos que estão desorganizados porque foram interpelados em sua existência em alguma dimensão. Esse é o ponto de diferenciação que constitui alguém que é do campo da clínica, alguém que é um agente clínico em saúde mental, do cliente.

“Na minha vida pessoal, eu, como agente clínico, eu também não posso receber os esbarrões deslocadores que afetam minha ontologia?” Claro, porque sou igual.

Não pode ser assim “eu trato de pessoas, mas eu nunca me trato, nunca me entrego a outro num projeto de me tratar”. Não vai funcionar, porque o preparo é isso também. As coisas me afetam, me mobilizam, as que eu não sei eu tenho obrigação de encaminhar para saber. Eu não posso ficar usando as soluções naturais, que as baterias de sonhos possam ir dando conta dessas descargas psíquicas; eu tenho que buscar um lugar em que eu possa cuidar da minha subjetividade.

[34:22](#) Há uma tradição histórica na Bahia, fruto da história da produção dos profissionais psi que lá na origem é marcada por uma espécie de autodidatismo, como se todos fossem reinventores, mesma potência reinventiva do Freud, como se todos pudessem atender pessoas sem nunca terem sido atendidos. Não vai dar certo.

Ontem eu falei no conselho, o Gabriel Cedraz Nery, um dos decanos que estão entre nós, dos mais antigos da comunidade, fala que em 1970 chegou o Carlos Pinto para fundar o círculo psicanalítico da Bahia. Veio como um psicanalista do círculo psicanalítico Carusiano, que é uma distinção com a IPA, e o Carlos Pinto foi preparado pelo círculo psicanalítico de Minas Gerais, se tornou um analista didata, e veio mobilizado por um professor da Universidade Católica que tinha interesse, que disse para ele que “na Bahia estão querendo, tem pessoas jovens saindo da psiquiatria, abriu um curso de psicologia, e na Bahia não tem nenhum psicanalista, não tem ninguém lá ensinando como é ser um psicanalista”. Ai o Carlos Pinto resolveu vir para a Bahia, chegou aqui e se apresentou: “estou abrindo um centro de formação, o modelo Carusiano é muito parecido com a IPA”, por isso nunca se entendeu muito bem a cisão, O Caruso explicava, mas não ficou muito claro o motivo pelo qual rompeu com a IPA. Mas de qualquer forma apresentou-se aqui um home com credenciais, capaz de levar um processo ao modelo da IPA, naquela época o modelo oficial. Mas na mesma época, em 1970, se apresentou um grande psicanalista rompido com a Associação Internacional de Psicanálise, porque havia rompido com a Associação de Psicanálise Argentina, um grupo inteiro de psicanalistas argentinos rompeu por um motivo político, porque eles eram contra as relações da Associação de Psicanálise Argentina com forças políticas da ditadura militar. E uma dessas pessoas veio passar temporadas aqui e se transforma num

outro dos formadores. Tem um ponto de começo que é logo ali, da para dizer o nome de quem é que veio ensinar a fazer.

[39:03](#) Foi o Carlos Pinto e Emílio Rodriguet. O Emílio Rodriguet tinha rompido com a IPA, tinha ido para a Califórnia e experimentado todas as tecnologias alternativas psicoterapêuticas no caldo da contracultura. Então ele era talvez naquele momento o que ninguém reconheceria - do ponto de vista da forma - como um psicanalista, porque ele fazia grupos maratonas de fim de semana com muita exploração do tema corporal, das terapias de grupos e vivências, explosões emocionais. E é nessa escola dupla: de um lado vai o Carlos Pinto Coelho dos mais formais, que gostavam de uma coisa mais quadrada, sistemática e os demais, os que estavam sendo formados, a juventude disso, vai seguir o Emilio Rodriguet. Então, se nós formos pensar, alguns deles estudaram depois a psicanálise, mas se a gente for recensear que treinamento profissional está por detrás de muitos dos figurões da nossa comunidade, de que tipo de treinamento profissional? E o quanto desse treinamento envolveu o si próprio ser atendido?

[41:22](#) Se fôssemos olhar radicalmente na nossa comunidade, sobretudo dentre os mais velhos. Mas por que eu estou falando isso agora? Porque isso que foi liberado como uma espécie de embromação com a vaga lacaniana, que diz que é o analista que se autoriza, que ninguém autoriza ninguém, nós temos aí uma chancela para que as pessoas descuidem de investimentos em seus próprios processos de tratamento pessoal.

[42:14](#) Então nós temos uma comunidade de trabalhadores em saúde mental, em que a maior parte dela nunca fez uma psicoterapia, nunca cuidou de si subjetivamente, nunca se ofereceu para aprender na própria pele. Para fazer esse caminho, essa passagem, para aprender a sofrer diante do outro. Só pode receber o sofrimento do outro, aquele que já sofreu diante do outro nas mesmas circunstâncias, como um tratamento, como um esforço. Eu fiquei muito provocado quando a gente discute essas histórias de qual é a nossa comunidade, e quais são os problemas da clínica entre nós. Os problemas da clínica entre nós é porque não existe como um imperativo, que os trabalhadores de saúde mental devem ser tratados para fazer um trabalho de tratamento de outras pessoas. E isso é insubstituível e tratada aqui não estou falando e fazer psicanálise, Gestalt, estou

querendo dizer que as pessoas devem buscar recursos, experiências, de se colocar nas mãos de tratadores, porque isso é a condição para depois você receber. Acho que muitas de nossas dificuldades estão ligadas a uma cultura complicada, e eu estou falando isso aqui da Bahia porque eu conheço a história, eu estudei, fiz uma dissertação de mestrado para poder tratar disso.

(45:21 comentários )

[45:41](#) Na minha geração era comum que nós nos entregássemos aos mais diversos experimentos terapêuticos. Eu me lembro de ter feito inclusive um treinamento, uma ginástica Zen Budista, fazia parte, você se entregava a coisas para produzir vivências. A terapia rogeriana, a escuta analítica, você fazia um currículo: “eu passei por isso, por isso, por isso”. Estou dizendo dos estudantes.

Havia uma ideia de que a formação psicológica pressupunha uma experimentação consigo mesmo no campo da tecnologia psi, já que você seria mais tarde um aplicador dessas tecnologias. O teórico aqui, estou pensando na clínica ampliada, e o exemplo que a gente tem, é o exemplo do acolhimento. E o acolhimento é um recurso teórico. E o que nós podemos teorizar sobre o acolhimento? Posso usar Roger, posso usar a psicanálise lacaniana, posso fazer um cotejamento dessa atitude de abertura, de disponibilidade, como dimensões necessárias para instruir o acolhimento. O acolhimento não vai ser assim: “porque sou um cara legal, sei defender as pessoas.” É vulgar. Eu posso pensar, nós podemos pensar, tomar conceitos e fazer um exercício de coletar coisas, que ajudariam a dar substância para esses conceitos. Também gosto sempre de dar o exemplo que o Pichon Riviere, num dado momento, entendeu que ele era psicanalista, mas o Pichon entendeu que ele não iria prosperar com o desenvolvimento teórico dele porque o conceito de transferência, a psicanálise cobra muito caro por ele, as consequências dos seus atos. Ai o Pichon criou a teoria dos três “D”: depositante, depositado e depositário.

[49:39](#) Um estudo do psiquismo no campo da Psicologia Social, os grupos operativos bebem da psicanálise, mas é um campo que trata da psicologia social. Lidar com os conceitos, organizar conceitos, sistematizar conceitos, não tem nada a ver com os modelos escolásticos de fazer uma filiação e fazer parte de uma confraria de crentes desses ou naquela, naquela, naquela. Óbvio que as pessoas tem o direitos

de fazer isso e seguirão fazendo, inclusive, acho que é uma coisa de querer estar junto com os pares, se sentindo fortes, uma forma de lidar com o desamparo.

Esses são temas que raramente aparecem desenvolvidos assim. Eu acho que podemos conversar mais vezes, queria ouvir vocês sobre esse tema que é o preparo para o trabalho com a coisa mental. Como eu me preparo para trabalhar com a coisa mental? O que eu tenho que fazer para me preparar? Como que se prepara? E aí a gente percebe que tem certos modos instituídos de fazer isso e outros que a gente pode inventar: cinema literatura. Tudo serve para você discutir a matéria. É uma forma de você se preparar para ampliar essa competência. Você ter desenvolvido seu pensamento.